

A Mesa da Palavra explicada

Diácono José Luís

Solenidade da Santíssima Trindade - Ano C – 15.06.2025

1ª leitura – Provérbios 8, 22-31

Salmo – Salmo 8, 4-9

2ª leitura – Romanos 5, 1-5

Evangelho – João 16, 12-15

Irmãos e irmãs na fé em Jesus, o Filho de Deus feito um de nós, Deus humanado, Espírito de vida.

Este Domingo é dedicado à Santíssima Trindade.

Que sabemos da Santíssima Trindade ? Nada. Melhor, sabemos que é um mistério, o que consola a nossa ignorância: sentimos que existe, mas não sabemos como é, porque é um mistério.

Caímos muitas vezes no erro de querer encaixar Deus em explicações lógicas, passando ao lado da maravilha que é deixarmo-nos descobrir a Sua presença na nossa vida. Descobrir essa presença acontece no encontro, na relação, e nunca no egoísmo, na vaidade do nosso ego. O Tempo Pascal apresentou-nos a ressurreição de Jesus, o Filho. Nos Domingos seguintes, sobre a sua mensagem na Fé, na Esperança e no Amor.

A seguir, no Pentecostes, apresenta-se o Espírito Santo, a presença viva que ilumina e encoraja ao testemunho.

Hoje, somos convidados a meditar em Deus, o Pai. Deus que é um só, em três pessoas distintas: o Pai, o Filho e o Espírito. A Santíssima Trindade.

O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã. Do pensamento e da acção. É o mistério do próprio Deus. Toda a história do Povo de Deus é a história do caminho e dos meios pelos quais o Deus verdadeiro e único, Pai, Filho e Espírito Santo, se revel e se une à humanidade que se afasta do pecado.

Nos primeiros séculos da Igreja, os grandes pensadores a quem chamamos Padres da Igreja, dizem-nos que “as obras de Deus revelam quem Ele é em Si mesmo e inversamente, o mistério do Seu íntimo ilumina o entendimento de todas as Suas obras”. Compreendemos melhor fazendo uma analogia com o que se passa connosco, humanos: a pessoa revela-se no que faz, e quanto mais conhecemos uma pessoa, tanto melhor compreendemos as suas acções.

Deus é um só. Uma só natureza em três pessoas distintas. Por um lado, é uno. Por outro revela-se nas características diversas de três pessoas distintas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Nós definimos muitas vezes Deus como amor. Sobre a Trindade, S. Agostinho diz-nos “onde existe amor, existe a Trindade: um que ama, um que é amado, e uma fonte de amor”.

Nós cristãos não adoramos três deuses diferentes, mas um único que se manifesta em três permanecendo um.

Jesus fala-nos de Deus como Pai. Deus fala de Jesus como o Filho. E Jesus diz-nos “Eu e o Pai somos um”. Jesus reza ao Pai e envia-nos o Espírito, que é o amor do Pai e do Filho. Por isso somos baptizados em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo e não nos nomes dos mesmos.

As leituras de hoje pretendem mostrar-nos que as raízes do entendimento de Deus como Trindade já vêm do Antigo Testamento.

Na Leitura 1, no Livro dos Provérbios, a Sabedoria que assiste Deus na obra da criação é vista como o Verbo de Deus, Jesus, Ele que é nascido do Pai antes de todos os séculos e pelo qual tudo foi criado.

Na Leitura 2, S. Paulo diz-nos que todos fomos tornados justos aos olhos de Deus e que por isso recebemos a paz, a esperança e o amor de Deus. Que vêm da fé em Jesus que nos enviou o Espírito.

No Evangelho, Jesus diz que tem ainda muitas coisas para dizer mas que não podem ainda ser compreendidas. Não se trata da Sua Revelação. Essa ficou terminada, não há mais nada a revelar. Jesus completou a sua missão.

Jesus fala da capacidade de compreender e actualizar a Palavra às situações da nossa vida. Que nos é dada pelo Espírito.

Imaginem como seria difícil para os Apóstolos entender que a vida se encontra através da morte, que o Messias Salvador realiza a sua missão morrendo. Depois de 50 dias de oração profunda, recebem o Espírito Santo, perdem o medo e conseguem anunciar a vida nova a todos os povos, em todas as línguas.

O Espírito Santo é a força espiritual que continua a iluminar a Igreja para entendermos o tempo actual.

Hoje o mais importante não é entendermos o que jamais poderemos compreender. O mais importante e urgente é vermos na relação, na igualdade, na comunicação das três pessoas divinas, o modelo fundamental de como deve ser a nossa forma de ser Igreja: viver para os outros. Uma vida que é entrega e comunhão. Nunca é individualismo nem isolamento mas sim abertura e fraternidade. A fé em Deus feita presença activa e responsável no mundo.

José Luís